

A RECEPÇÃO DO DR. LEONARDO MOTA (*)

Discurso do Dr. Leonardo Mota.

Venerando Mestre Dr. Barão de Studart:

Consoeios do "Instituto", mestres e senhores meus:

Quando me chamastes para o vosso meio, eu andava, sertões a dentro, cumprindo o meu fadario de judeu errante de nossa hesitante literatura folclórica. Julgava-me carceido de uma tantas imprescindíveis notas subsidiarias para a feitura de mais um livro — o meu "Adagiario Brasileiro", que me multiplicou os cabelos brancos, mas, mercê de Deus, para vir a lume, aguarda apenas a coragem dum editor bastante afoito ou a generosidade dalgum Meeenas esquivo. Não me era, pois, possível obedecer prontamente á vossa convocação.

Retardatario, aqui chego e duplamente confuso pela demora em vos apparecer e pela consciencia de meu demerito em ser dos vossos.

Não é por nenhum arrebique de refalsada modestia que enuncio a surpresa com que recebi a noticia de minha eleição para este sodalicio. Jamais sonharia a hora e ventura de pertencer ao vosso numero aquele a quem, em materia historica só haviam conseguido interessar as historias aprendidas de oitiva, na primeira infancia, e que começam pela indefectivel frase "ERA UMA VEZ..."

E' bom verdade que a minha pifia atividade mental se exercita em campo que não dista daquele em que fulgem os vossos talentos. O Folclore é irmão da Historia, porque é a propria "historia internacional e eterna". E' ele que revela quanto é a mesma, em todas as latitudes a alma da humanidade, com identica psicologia a se manifestar nas mesmas usanças, crenças e tradições. Foi Coelho Neto quem disse que "si o paleontologista só com uma vertebra reconstrõe o arcabouço de um monstro anti-diluviano, o folclorista faz ressurgir de uma trova rustica toda uma época e um povo".

Assinalando o parentesco entre o Folclore e a Historia,

(*) Por motivo justificado, o dr. Leonardo Mota não tomou posse de sua cadeira na sessão que lhe foi designada, conjuntamente com os seus companheiros, eleitos no mesmo pleito, drs. Livino de Carvalho, Martins de Aguiar, Sousa Pinto, Soares Bulcão e José Carvalho.

Recebido na sessão de 5 de janeiro do corrente ano, na ausencia do orador do Instituto, que se encontrava fóra da cidade, aclamado no momento, saudou o recipiendário o socio efetivo dr. José da Cunha Sombra.

O malogrado orador, prematuramente desaparecido do convivio amavel de seus queridos consocios, produziu então, de improviso, notavel oração, reafirmando mais uma vez o seu privilegiado talento, como intelectual de largos remigios e illustração incontesté.

Justifica-se, assim, a não publicação do discurso do dr. José Sombra—N. R.

Afranio Peixoto abriu assim o volume gracioso das "Missangas".

"Ha num drama de Shakespeare, a controversia de dois irmãos, um legitimo, dotado de privilegios, e outro bastardo, que entretanto se attribue maiores meritos, pois, filho do amor e não apenas do dever, teria sido aprimorado pela natureza. O outro lograria a compensação dos titulos, da riqueza, da sociedade. Entre a Historia e o Folclore duélo igual seria possível. A primeira por longo tempo desfrutou, sosinha, prestigio milenar. Dispensou, a principio o documento, contentou-se ás mais das vezes, com a improvisação. Obra moral ou retorica, Tucídides ou Tito Livio compunham trechos de antologia que eram os discursos de suas personagens, como si fizessem romances. Os Plutarcos fizeram moral; os Michelets patriotismo. Inventava-se, tecia-se, tramava-se a Historia. Como na tragedia classica, só se admitiam em cena os costumes altos. Reis, príncipes, generais, ministros...

Depois de alguns milhares de anos, apareceu o irmão bastardo. Com a mudança de espirito humano, o povo começou a ser considerado. A historia da civilização foi preferida á biografia dos soberanos. As tradições — historia do povo — chamaram a atenção. Elementos de antropologia e etnografia, o modesto Folclore ameaça substituir a propria Historia, talvez um dia um seu departamento, uma aia dele. O irmão bastardo, porque filho do amor, espontaneo, natural, vingará contra o privilegio, a usurpação; será, contra a imaginação, a observação".

Aí tendes, mestres e Senhores, porque me atrevo a crer que, mesmo continuando a me devotar ao estudo do nosso sertanejismo, não me distancio da finalidade do "Instituto". Não fosse isto, e eu não hesitaria em depor nas vossas mãos a honra insigne que me conferistes, humilhando meu desprimor. Mesmo a revista que compendia os vossos trabalhos, vezes muitas, ha divulgado as valiosas pesquisas que sobre o folclore regional tem feito o inclito presidente deste cenaculo.

Não foi sem causa que escolhi esta data para meu ingresso no "Instituto". Já adivinhastes o carinho de minha intenção. O dia de hoje é de festas para a intelectualidade brasileira, porque nele faz anos quem é o nosso orgulho, o maior benemerito das letras historicas do Ceará, o preclaro Barão de Studart, a quem o Instituto deve toda a gloria de seu dilatado viver. Não faz muito, no estilo desenvolto e desculpavel de uma crônica vivaz, parodiei o orador sacro que chamára a Jesus Cristo de ladrão, porque ladrão de corações e saltador de afetos santos, e disse que o Barão de Studart era um grande "mentiroso", porque tem vivido decenios a cometer a piedosa mentira de fingir que nessa nossa terra melancolica e

nirvanica exista vida mental, mantendo sosinho o seu intercambio intelectual com os grandes centros de cultura do Universo.

Hoje penso interpretar os sentimentos, não apenas do "Instituto", mas do Ceará inteiro, significando ao nosso egregio presidente todo o afeto e veneração com que o povo cearense corteja a sua ancianidade gloriosa.

Foi em 1873 que surgiram no Brasil os estudos de Celso de Magalhães e de José de Alencar sobre a nossa poesia anônima. Pela maior amplitude dos seus trabalhos, porém, por sua mais percuciente e aquilina visão, parece-me de justiça considerarmos Silvio Romero o fundador do folclore brasileiro. O mestre sergipano pensava que "os povos têm dois jazigos de reliquias: um no espaço, o cemiterio; outro no tempo, a tradição.

O espaço é precario e tudo o que tem nele assento, perece; o tempo é perene e eterniza o que recolhe". E Silvio, para quem "povo sem tradição é arvore sem raizes que qualquer vento derruba", Silvio entendia que, assim como acendemos cirios nos cemiterios, devemos fazer luz no tempo, para que, pela claridade do estudo, nossa tradição exsurja".

Oh, mil vezes bendito e abençoado o espirito de Silvio Romero, de quem disse eminente contemporaneo: "De homens como este carece o Brasil para que se recolha em si mesmo, estude, reconheça e aproveite a sua grandeza. Quando outros se preocupavam com o que ia lá fóra, em alheios climas, ele, encerrando-se na historia domestica, como um asceta no seu cubiculo, refolhava-se na tradição, descendo ao mais profundo das suas origens".

A Silvio Romero, o portentoso, o ciclopico, não têm faltado sucessores: Melo Moraes Filho, João Ribeiro, Alberto de Faria, Rodrigues de Carvalho, Pereira da Costa, Simões Lopes Neto, Gustavo Barroso, Americano do Brasil, Amadeu Amaral — toda uma valorosa pleiade, cujos esforços o sr. Basilio de Magalhães tão eruditamente apreciou no livro "O FOLCLORE NO BRASIL". Mas, todos estes esforços têm sido singulares, pessoais, por isso mesmo dispersos. Urge metodiza-los.

A esta altura da minha tosca alocução, me encontro no asado instante para, com a vossa venia, formular minha primeira sugestão ao Instituto. Foi em 1883 que apareceu a primeira edição dos "Cantos Populares do Brasil", de Silvio Romero. No ano proximo, meio seculo terá decorrido. Não valeria a pena o "Instituto do Ceará" disputar a primazia de ser quem alvitrasse á nacionalidade a celebração do jubileu de nosso folclore, considerando a obra de Silvio Romero o marco inicial de nossas investigações demopsicologicas? E por que não nos prevalecermos do ensejo da comemoração, para crearmos no Brasil uma ACADEMIA DE FOLCLORE, com consocios

disseminados por todo o territorio patrio? Ela estudaria as variantes do linguajar nos diferentes Estados da Federação; a poesia das trovas, canções de amor, cantigas de berço, emboladas e modinhas; o sentimento religioso, com o farto acervo de superstições, lendas e ritos; os inumeraveis motivos musicados e coreograficos; a medicina popular, com a abundante terminologia das enfermidades e medicamentos; o novelario do povo, a paremiologia, o anedotario e todo esse vastissimo campo de pesquisas, que aí está a desafiar a nossa operosidade, que a civilização vai paulatinamente destruindo e cuja fixação é imprescindivel, como o veraz e irrecusavel documento humano de uma época de transição.

Há mais de cincoenta anos tem a Inglaterra a sua "Folclore Society", fundada em 1878. Logo em seguida a Espanha e a França organizaram a "Société des Traditions Populaires" e "El Folclore Andaluz".

Chegaremos tarde, mas ainda em tempo desse improcrrogavel movimento em prol de nossa afirmação cultural.

Com esse voto, por que o "Instituto do Ceará" expresse quanto antes á Nação a conveniencia e necessidade de condignamente se comemorar em 1933 o cincoentenario do folclore brasileiro, saúdo-vos, senhores e Mestres, e tomo assento em vosso meio, não com a veleidade de ser um vosso par, mas como discipulo obscuro que quer aprender convoseo.

A treva do meu apagamento servirá, ao menos, para que as vossas luzes mais esplendam.